

REVISTA ADVENTISTA

SETEMBRO DE 1966

Não há lugares na Escola

A Escolha Acertada

Porque foi rejeitada a oferta de Caim?

O acusador dos Irmãos

ANO XXVII N.º 240

«...VIREI OUTRA VEZ!...»

A. CASACA

TEMOS a promessa da Vinda do Salvador, promessa esta que saiu dos seus divinos lábios, os mais honrados de todos os lábios que jamais pronunciaram uma promessa.

Mas, se por um lado sabemos, sem sombra de dúvida, que o Senhor Jesus voltará e, ainda mais, que a Sua Volta está para breve, já o mesmo não podemos dizer, quanto à data da Sua Volta.

Por isso, é totalmente destituída de qualquer fundamento a pretensão de se marcar qualquer data para a Segunda Vinda de Jesus.

Vêm estas considerações a propósito de certa afirmação de um cientista americano, divulgada pela imprensa. O referido cientista afirma, categoricamente, que o Dia do Juízo Final está marcado para 13 de Novembro do ano de 2026.

Sem qualquer fundamento escriturístico o cientista assenta a sua afirmação sobre a data do Fim do Mundo, em cálculos estatísticos.

Diz o cientista que 13 de Novembro de 2026 será o Dia do Juízo Final, por já não haver recursos para alimentar a população do Globo, que nessa altura, deve ser de tal modo numerosa que as pessoas viverão praticamente umas em cima das outras.

Prevê o referido cientista que no ano 2026 a população mundial será de 50 biliões de pessoas, o que significa mais bocas a alimentar do que as que permitem os recursos do planeta e mais gente a alojar do que o espaço consente. Acrescenta que tal densidade populacional significará que, em cada milha quadrada, terão de viver dez mil pessoas, incluindo o deserto do Saará e a Antárctida.

Apraz-nos registar estas declarações procedentes de homens de ciência. Concordamos, abso-

lutamente, com o Fim do Mundo, pois estamos apoiados na Palavra de Deus para o admitir e para o desejar.

Discordamos, porém, totalmente, não só daquela data — porquê a 13 e não a 12, a 14 ou a 30 de Novembro, ou 21 de Dezembro? — mas ainda de qualquer outra data.

Já os discípulos haviam perguntado, ansiosamente, a Jesus, quando seria esse fim, quando é que Ele voltaria. E Jesus respondera-lhes calma e firmemente: «Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai. E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem... Vigiai, pois, porque não sabeis a que horas há-de vir o vosso Senhor... Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis.» (Mateus 24:36, 37, 42 e 44).

É inegável que os sinais da Volta do Salvador se multiplicam aos nossos olhos, nestes nossos dias.

Basta recordar as séries de catástrofes que têm assolado, ultimamente a humanidade, catástrofes tanto de ordem material, terramotos, inundações, devastações em grande escala, assim como de ordem espiritual, sintetizadas na angústia das nações, em perplexidade.

Hoje, mais que nunca, há angústia das nações, revelando-se em todas as classes e profissões. O nosso mundo encontra-se verdadeiramente perplexo, açoitado por guerras e rumores de guerras que o perturbam profundamente.

Mas, eis que vem o amanhecer. Exactamente, no tempo, em que as condições no mundo oferecessem a menor esperança, efectuar-se-ia, então,

(Continua na pág. 24)

SUMÁRIO

«... Virei outra vez! ...»
Não há lugares na Escola
A Escolha Acertada
A Bíblia
Porque foi rejeitada a oferta de Caim?
«Até aqui nos ajudou o Senhor!...»
O Segredo do êxito dos Adventistas
Os diversos aspectos da Lei
Creio em Deus
Memória sobre os nomes geográficos da Bíblia, relacionados com África
O Auxiliar da Escola Sabatina

SETEMBRO DE 1966

ANO XXVII N.º 240

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Não há lugares na Escola

As estatísticas revelam que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem, presentemente, 1024 escolas para crianças e jovens africanos na Divisão Trans-Africana. Destas, 1000 são escolas primárias, tendo aproximadamente 84 000 alunos, 14 são institutos secundários e as outras dez são escolas normais e de preparação para o Ministério.

É evidente que as 14 escolas de ensino secundário, com acomodações para cerca de 6000 estudantes, no primeiro ano, são incapazes de receber mais de 3000 que, todos os anos, completam a instrução primária. Esta situação tem tido como resultado a incapacidade de receber milhares de jovens Adventistas, rapazes e raparigas para prosseguirem os seus estudos.

Recentemente, o Director do Liceu de Solusi disse que tinha recebido 1800 requerimentos, dispondo, apenas de 70 vagas, para o primeiro ano. Outro liceu recebeu 400 inscrições, só de um Distrito de uma determinada União, tendo, apenas, 40 vagas!

É uma dor de alma para o Dr. F. Clarke, Reitor do Liceu da Zâmbia receber centenas de inscrições de jovens alunos, recomendados, inclusivamente, pelas entidades oficiais e não ter possibilidades de os receber, por falta de instalações! Nem sequer tem vagas para os jovens Adventistas! Foi com as lágrimas nos olhos que o Dr. Clarke teve de recusar, por exemplo, a entrada de uma jovem, cujo pai é evangelista adventista e a mãe é professora de uma das nossas escolas primárias. Só lhe foi possível admitir 70 estudantes para o primeiro ano.

E o pior é que não há nenhuma outra escola naquela região — quer seja religiosa quer secular — que possa receber mais alguns alunos, porque todas estão CHEIAS!

Esta situação é a mesma em cada um dos 14 liceus da Divisão Trans-Africana.

Enquanto este breve artigo está sendo escrito, têm chegado até nós numerosas cartas de jovens pesados por não terem sido admitidos nos liceus.

Há 6 escolas normais para professores primários adventistas, na Divisão, das quais saem cerca de 120 professores primários todos os anos; este número é insuficiente para suprir as baixas que se vão registando no corpo docente.

A Divisão Trans-Africana não possui nenhum centro de preparação para professores liceais, embora esta fase de educação seja uma das mais apregoadas, presentemente, na África. A nossa constante perplexidade diz respeito a encontrar professores liceais que são indispensáveis para o ensino de milhares de jovens.

Em 1958, principiou no Colégio Solusi um curso teológico com a duração de quatro anos. Até à data apenas o concluíram 10 pessoas. Infelizmente, não tem sido possível alargar as admissões, para além do mínimo que se exige para o curso de teologia, para incluir as disciplinas essenciais ao liceu.

Com grandes dificuldades se podem recrutar professores estrangeiros; por isso têm sido enviados para o estrangeiro alguns jovens para se prepararem em várias universidades.

O Colégio Solusi necessita de alargar as suas actividades de modo a poder ministrar todos os programas educacionais ao serviço da Divisão Trans-Africana. Como a Divisão não pode financiar este projecto com os seus próprios recursos, aqui deixamos exarado o nosso pedido, para que todos os nossos Irmãos contribuam, generosamente, com as suas ofertas no Décimo Terceiro Sábado, a 24 de Setembro deste Trimestre de 1966.

O Departamento da Escola Sabatina da Divisão Trans-Africana.

A Escolha Acertada

Tio e sobrinho, depois de subirem por um estreito carreiro, chegaram ao cimo de uma pequena colina. Dali podiam-se descortinar as ubérrimas campinas do Jordão que tanto haviam contribuído para a prosperidade das florescentes cidades de Sodoma e Gomorra. Que belo espectáculo! Parecia o Jardim do Edem! Por uns momentos tio e sobrinho ficaram calados, extasiados com o maravilhoso panorama que desfrutavam.

Quebrando o silêncio, o tio, com voz cansada, dirigiu-se ao sobrinho propondo-lhe que se separassem. Até ali haviam vivido juntos mas agora não era mais possível prolongar aquela situação. Os rebanhos de um e de outro eram enormes e as pastagens fracas e, por essa razão, surgiam constantes e sérios conflitos entre os respectivos pastores.

O tio, que criara o sobrinho desde tenra idade e o amava como de um filho se tratasse, procurava, com aquela proposta, evitar que a boa amizade, que os unia, viesse, de algum modo, a ser alterada.

— «Se tu escolheres a esquerda», dizia o tio, «eu irei para a direita, mas se preferires a direita então eu irei para a esquerda. Escolhe!»

Então Lot, o sobrinho, escolheu. Escolheu ir habitar nas verdejantes campinas e armou as suas tendas junto à cidade de Sodoma. Abraão, o tio, caminhando em sentido contrário, assentou o seu arraial nas terras mais áridas de Canaã.

Escolher é uma faculdade preciosíssima que Deus concedeu ao homem para que este pudesse ter o sentido da responsabilidade. Ora, para que a responsabilidade possa ser imputada ao homem é necessário que a faculdade de escolher tenha sido usada livremente, sem quaisquer pressões, quer estas provenham de outros indivíduos (coacção) quer de causas meramente na-

turais ou acidentais (estado de necessidade).

A coacção, por sua vez, pode ser física ou psicológica. Exemplifiquemos: Quando um crente em Deus é obrigado pela força a dobrar os seus joelhos diante de um ídolo, estamos em face de uma coacção física. O crente nunca quis ajoelhar-se; se se encontrou nessa posição idolátrica foi porque a força dos outros foi maior que a sua. Cedeu à força; não cedeu no espírito. Neste caso não há escolha porque nunca houve um querer.

Estamos certos que Deus não leva em conta qualquer atitude de idolatria em que um filho seu se encontra motivada pela coacção física exercida sobre ele por terceiros.

O caso de coacção psicológica é muito diferente. Nas Escrituras encontram-se muitos exemplos em que a vontade dos fiéis permaneceu indomável, firme, apesar das tremendas pressões sobre eles exercida. O exemplo dos três companheiros de Daniel, em Babilónia, é frisante. O imperador de Babilónia decretara que, em determinadas horas, quando fosse dado um sinal todos os seus súbditos deveriam ajoelhar-se diante de uma enorme estátua que ele mandara construir. Se alguém não obedecesse seria lançado numa fornalha incandescente. Os três hebreus, apesar do perigo de morte, não cederam e não se ajoelharam ante a estátua.

Neste magnífico exemplo de coragem e fé não foram mandados soldados para, pela força, dobrarem os joelhos dos três amigos de Daniel. O imperador esperava que o medo da enorme fornalha influísse no ânimo dos três heróis coagindo-os a uma submissão voluntária ao seu decreto. Tal não se verificou. Os filhos de Deus escolheram antes a fornalha ardente que, apesar de exercer uma poderosa acção psicológica, não conseguiu vergar a vontade que eles tinham de ficar firmes e fiéis até à morte.

Estamos certos que caímos no desagrado de Deus quando cedemos na nossa lealdade ao Rei dos reis sob o influência de qualquer coacção psicológica mesmo que esta seja exercida por meios violentos. O Senhor Jesus Cristo sofreu toda a sorte de maus tratos e violências. Destinavam-se estas a influir no seu ânimo para que Ele desistisse do seu propósito de se sacrificar em favor da salvação do mundo. Corajosamente Jesus escolheu a morte deixando de lado «os reinos deste mundo», com que Satanás Lhe aceitou, suportando com resignação os escárnios e as sevícias, para que nós pudéssemos ter a Vida. Bendito seja para todo o sempre.

Lot escolheu livremente. Sua vontade, porém, foi tremendamente influenciada por coacções da natureza psicológica às quais ele cedeu. A fertilidade da campina jordânica, a proximidade de ricas e populosas cidades, as facilidades que ali poderia encontrar para a venda dos seus animais, etc., levaram-no a escolher aquela região para habitar. Teria sido acertada a sua escolha? Do ponto de vista material parece que sim. Do ponto de vista espiritual cremos que não. O pensamento de Deus não entrou nos seus planos nem influenciou a sua escolha. Por causa disso ele veio a sofrer sérios dissabores.

Igualmente todos nós precisamos utilizar a nobre faculdade de escolher a cada passo. As mais variadas pressões estão em constante actividade influenciando a formação da nossa vontade.

Uma vez esta formada então escolhemos. Permita Deus que as nossas escolhas sejam sempre acertadas. Que «nem a altura nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos possa separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor» personificado.

S. J. Graça

A BÍBLIA

por António Valente

A Bíblia é um livro incomparável, aquele que contém as maiores verdades, a moral mais elevada, o mais belo ideal. Comparada com os outros livros de carácter sagrado, — persas, indianos, árabes, — reconhece-se que a Bíblia é mais humana, mais compreensível e mais instrutiva.

O Corão é um pobre livro ao lado da Bíblia: — repetições, declamações, falta de lógica e de sequência nas ideias.

A literatura do Avesta é incomparavelmente inferior à da Bíblia.

Os livros dos brâmanes estão cheios de extravagâncias.

Nada nos deve admirar se a Bíblia é superior: Ela é a Palavra de Deus, a Sagrada Escritura, o Livro de Deus. Contém revelações divinas feitas através dos tempos a favor da humanidade pecadora. Portanto, devemos lê-la e meditá-la com fé, com amor e com reconhecimento. Ela é útil para nos guiar na nossa vida e para nos dirigir nos momentos de hesitação. (II Tim. 3:16-17).

Mas este livro não caiu do céu. Ele foi escrito por homens escolhidos e inspirados pelo próprio Deus. (II Pedro 1:21). Naturalmente que estes homens, à parte raras excepções, quando escreviam, conservavam o livre exercício das suas faculdades mentais; por isso, as páginas das Escrituras estão marcadas pelo seu carácter individual, pelo seu estilo, pelas circunstâncias em que eles escreviam. Mas esta variação de estilo, longe de apresentar qualquer diferença de ideias ou de doutrinas, não nos agrada menos do que a sua unidade.

Este livro não foi publicado desde a sua origem num todo, como agora se nos apresenta. Pelo contrário, ele foi publicado em fragmentos, escritos em peles de animais, em papiros, em lâminas de metal, segundo as circunstâncias da época em que Deus ditou aos Seus servos as revelações. Foram precisos mais ou menos 1600 anos para completar a Bíblia tal como hoje nos é vendida. Deus chamou mais ou menos qua-

renta homens para tomarem parte na confecção deste volume. Os autores dos vários livros que compõem a Bíblia não se conheceram mutuamente e viveram em séculos diferentes. Muitas vezes desconheciam mesmo os escritos dos seus predecessores. No entanto as ideias sucedem-se com lógica, com sequência, sem contradições, mas reafirmando, talvez de uma outra maneira, as declarações dos seus antecessores. É que a fonte de inspiração é a mesma, embora tenham variado os instrumentos usados pelo agente revelador.

A maior parte dos livros que compõem a Bíblia foram escritos na Palestina, mas alguns apareceram bem longe deste País.

A Bíblia compõe-se de duas partes desiguais: o Velho Testamento e o Novo Testamento.

A palavra Testamento quer dizer pacto, aliança. Ele designa a aliança que Deus fez com a humanidade. Em II Corint. 3:14, Paulo nos diz que os escritos sagrados até à vinda de Jesus se chamam «O Antigo Testamento».

Diz Lacordaire: «Os dois levam o nome de Testamento, porque os dois contêm o testemunho de Deus e a descrição da Sua aliança com o homem, mas no que diz respeito à preparação desta aliança, o Testamento toma o nome de 'Antigo'; no que diz respeito à realização desta aliança, o Testamento toma o nome de 'Novo'. Ambos contêm a história do passado, a profecia do futuro e a teologia que une o passado com o futuro dentro da Eterna Verdade».

O Antigo Testamento que nos foi transmitido pelos judeus e que eles lêem cada sábado nas suas sinagogas, compõe-se de 39 livros que podemos dividir em três partes:

1. Os livros históricos: Pentateuco, Josué, Juizes, Rute, 2 de Samuel, 2 de Reis, 2 Crónicas, Esdras, Neemias e Ester.
2. Os livros didácticos ou poéticos: Livro de Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes ou li-

vro do Pregador, Cantares de Salomão ou Cântico dos Cânticos.

3. Os livros dos profetas.

Se nós considerarmos as épocas em que estes livros foram escritos, quer dizer, em que os seus autores, os profetas, profetizaram, podemos classificá-los assim:

- a) O período assírio, anterior ao exílio de Babilónia (meio do século VII a 597 A. C.). Pertencem a esta época os seguintes livros: Amós, Oseias, Miqueias, Jeremias, Sofonias, Naúm, Habacuc e poderíamos ainda juntar Joel e Jonas.
- b) O período caldaico, depois da tomada de Jerusalém por Nabucodonosor (586-587) até à volta do cativeiro (538). A este período pertencem os seguintes livros: Isaías, Ezequiel, Daniel e Obadias.
- c) Período após o Exílio. A esta época pertencem os livros de Ageu, Zacarias e Malaquias.

Uma outra maneira de classificar estes livros é a seguinte:

- Quatro grandes profetas ou profetas maiores — Isaías, Jeremias, Daniel e Ezequiel.
- Profetas menores — Oseias, Amós, Joel, Obadias, Jonas, Miqueias, Naúm, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

O Novo Testamento compõe-se de 27 livros também divididos em três partes:

1. Os livros históricos: Evangelhos e Actos.
2. Os livros didácticos: Epístolas.
3. Um livro profético: Apocalipse.

O Velho Testamento, à parte certos fragmentos em aramaico, foi escrito em hebraico, a língua dos hebreus ou judeus.

O Novo Testamento foi escrito em grego vulgar e não em grego clássico.

Vale a pena conhecer a fundo todos os livros da Bíblia. Seria bom conhecê-los de cor segundo a ordem em que se acham nas Sagradas Escrituras. Isso nos facilitaria o manuseamento deste Sagrado Livro.

ATRAÍDO pela propaganda da célebre *Bíblia Mais Bela do Mundo*, edição monumental que constará de sete grandes volumes, com uns cento e cinquenta fascículos, que importará em mais de três mil escudos, que nesta data em que faço estas considerações vai já no segundo fascículo, tive a curiosidade de pedir numa livraria o primeiro fascículo para exame e saber de facto de que se tratava.

No breve exame, notei que as notas ocupam espaço por vezes igual ao próprio texto e a atenção foi para algumas dessas notas, algumas bem interessantes e assim cheguei ao capítulo quatro de Génesis e como tal o drama de Abel e Caim.

Como o título que dou o este artigo, interessa para quem pretende conhecer melhor o Ministério de Cristo no culto do Velho Testamento, fiquei bastante admirado de não haver uma única palavra a este respeito, dizendo apenas que o coração de Caim não era puro e ficou cheio de ciúmes ou inveja por a sua oferta não ser aceite. Mas por que não foi ela aceite?

Procurei depois em todos os livros de autoria católica romana, visto a dita Bíblia ser a tradução de Matos Soares, mas qual foi o meu espanto em notar uma completa ausência de qualquer explicação do dito texto e de qualquer explicação da origem dos sacrifícios e do seu significado no culto do Santuário do Antigo Testamento.

Examinando o próprio texto procurei obter de novos elementos que até esta data me não preocupara.

1.º — Que ambos trouxeram uma oferta do Senhor.

2.º — Que cada um trouxe produtos do seu trabalho

3.º — Que Abel trouxe primogénitos do rebanho e gordura, possivelmente dos mesmos, o que nos indica a espécie de oferta ou sacrifício, visto que este era feito conforme os motivos.

4.º — Que Deus não aceitou a oferta de Caim, embora houvesse outras ocasiões em que esses frutos eram aceites.

5.º — Que a contar pelo diálogo entre Deus e Caim, Deus procura fazer compreender a Caim que se fizesse bem, teria aceitação.

Porque foi rejeitada a oferta de Caim?

Alguns textos das Escrituras dão luz sobre o motivo de Abel ter levado dos primogénitos das ovelhas.

Hebreus 11:5 — dis que a oferta de Abel foi *oferta de Fé*, maior sacrifício do que Caim. No primeiro verso deste capítulo diz o autor que a Fé é o firme fundamento ou certeza das coisas que se esperam e a prova das que se não vêem. Se a oferta era de fé, era baseada numa certeza de alguma coisa que ainda se não via, que havia de vir.

Apocalipse 13:8 — diz-nos que esse Cordeiro, primogénito, foi morto desde a fundação do mundo. A explicação da edição de Matos Soares a este texto, comparando-o com cap. 17:8, referindo-se à inscrição do nome no livro da vida, não satisfaz.

Outros textos dão luz, tais como:

S. Mat, 25:34 — o reino preparado ou prometido desde a fundação do mundo.

Efés. 1:4 — eleitos antes da fundação do mundo.

1 S. Pedro — 1:19, 20 — é-nos apresentado Cristo simbolizado por um Cordeiro imaculado e incontaminado, conhecido antes da fundação do mundo.

Destes textos sobressai a figura de Jesus Cristo no sacrifício do cordeiro e doutros animais também descritos, oferecidos por outros motivos. Cristo não foi morto senão cerca de quatro mil anos depois da fundação do mundo, mas logo que o pecado impediu a humanidade de ter direito à vida eterna, Deus providenciou a sua remissão ou restauração pela encarnação de Jesus Cristo para morrer no lugar do inocente animal, que não era senão um símbolo e que nada salvaria, se Cristo não morresse no seu lugar.

Isto nos descreve o Apóstolo em Heb. 9:11-15.

No Bible Commentary, Vol. 1, pág. 239, e baseado neste texto de Gén. 4, lemos: «Ele (Caim) conhecia em parte o desagrado de Deus e Sua reivindicação sobre ele. Mas um secreto espírito de ressentimento e rebelião incitou-o a submeter a reivindicação de Deus no caminho do controle de sua própria razão, do que seguir precisamente o plano ordenado por Deus. Ostensivamente obedeceu, mas a maneira de sua obediência revelava espírito provocador. Caim procurou obter a justificação por suas próprias obras, obter a salvação pelos seus próprios méritos.

Recusando reconhecer-se como um pecador, necessitando dum Salvador, ofereceu uma dádiva que não expressava penitência pelo pecado, uma oferta de sangue.»

Em Patriarcas e Profetas, págs. 79-81 (edição antiga) lemos:

«Esses irmãos foram provados, como o fora Adão antes deles, para mostrar se creriam na Palavra de Deus e obedeceriam à mesma. Estavam cientes da providência tomada para a salvação do homem e compreendiam o sistema de ofertas que Deus ordenara. Sabiam que nessas ofertas deveriam exprimir fé no Salvador a Quem tais ofertas tipificavam e ao mesmo tempo reconhecer sua total dependência d'Ele, para o perdão; e sabiam que, conformando-se assim ao plano de Deus para a sua redenção, estavam a dar prova de sua obediência à vontade de Deus.

Sem derramamento de sangue não há remissão (Heb. 9:22) do pecado; e eles deveriam mostrar sua fé no sangue de Cristo como a expiação prometida, oferecendo o primogénito do rebanho em sacrifício»...

«Caim obedeceu em construir um altar, obedeceu em trazer uma oferta, prestou, porém, apenas uma obediência parcial. A parte essencial, o

reconhecimento da necessidade de um Redentor, ficou excluída»...

«A classe de adoradores que segue o exemplo de Caim inclui a grande maioria do mundo; pois quase toda a religião falsa tem-se baseado no mesmo princípio — de que o homem pode depender dos seus próprios esforços para a salvação. Alguns pretendem que a espécie humana necessita, não de redenção mas de desenvolvimento — que pode aperfeiçoar-se, elevar-se, regenerar-se. Assim como Caim julgou conseguir o favor divino com uma oferta a que faltava o sangue de um sacrifício, assim esperam exaltar a humanidade à norma divina, independentemente da expiação».

No livro *Ritual do Santuário*, o autor procura fazer a definição das várias espécies de sacrifícios ou motivos dos mesmos, os quais obedeciam a um certo ritual, previamente prescrito por Deus, mas Abel levou primogénitos e a sua gordura, o que parece ser oferta pelo pecado, ou de acções de graças, em que depois da vítima limpa das suas impurezas e juntamente com a gordura era oferecida ao Senhor e o Senhor mostrava a Sua aceitação descendo fogo do Céu e consumindo a oferta.

É isto que parece descrever o livro de Patriarcas e Profetas, pág. 80: «Relampejou o fogo do céu e consumiu o sacrifício. Mas Caim desrespeitando o mandado directo e explícito do Senhor, apresentou apenas uma oferta de frutos.»

Essa semente de mulher (Gén. 3:15) que esmagaria para sempre a cabeça da serpente (Jesus Cristo nascido de mulher), tem sido por alguns descrita como sendo a própria mulher, por isso a Ministéria de Cristo não tem sido compreendido como devia. O autor do livro *Ritual do Santuário*, nas págs. 192-197, descreve a seu modo essa incompreensão, donde tiramos os seguintes parágrafos:

«A Igreja Católica Romana, constituiu uma tentativa de restabelecimento da velha teocracia de Israel, com o ritual do santuário que a acompanhava. Adoptou do judaísmo a parte principal do ritual, juntamente com algumas cerimónias do paganismo. Possui um estabelecido ritual do santuário, com seus sacerdotes, sumo-sacerdote, levitas, cantores, e mestres.

Possue um serviço de sacrifícios, culminando na missa, com o ritual que a acompanha e a oferta de incenso. Tem os seus dias de festa, segundo o molde do costume israelita. Tem seus círios, seu altar de incenso, sua mesa com pão e seu altar-mór. Em evidência está a pia com a água benta; observa-se a missa diária... Tudo isso não seria muito importante, não fosse o facto de constituir uma tentativa de obscurecer a verdadeira obra de Cristo no santuário celestial...

«Não compreende absolutamente nem aprecia a obra do nosso Sumo-Sacerdote no Céu. Não compreende que o ritual do santuário terrestre não deveria prevalecer. Restabeleceu as velhas cerimónias e crenças, tentando levar os homens à prática de um ritual caduco...»

«O papado tornou-se, assim, verdadeiramente um competidor, um rival de Cristo. Tentou expulsá-Lo do espírito dos homens, no que teve êxito notável...

Consideremos a situação: Cristo é nosso Sumo-Sacerdote. No calvário morreu como Cordeiro de Deus. Derramou o sangue em nosso favor. Os sacrifícios mosaicos, durante séculos, tinham sido disso profecias. Viera agora a realidade, da qual aquilo foram apenas sombras...

«Esse bendito, novo e vivo caminho, é o privilégio e dever da Igreja tornar conhecido. Cada qual pode ir directamente a Cristo. Não é preciso, como no santuário da terra, intervir um sacerdote. Isto foi abolido.

Todo o homem pode apresentar-se directamente ao seu Criador, sem intervenção humana.

O papado, porém, pensava e ensinava diversamente, tentou restabelecer a crença do Velho Testamento, de que o homem só se pode aproximar do seu Criador mediante representantes especiais, tais como sacerdotes.

Os homens foram afastados de Deus mais que nunca. A Igreja fechou o novo e vivo caminho aberto por Cristo, e levou os homens a procurar aproximar-se de Cristo mediante o sacerdócio, que tinha de apelar para algum santo padroeiro que tivesse influência junto de Maria, a qual, por sua vez, exercia influência junto de Cristo, e este junto de Deus.

O sistema todo era uma tentativa da reincarnação das ordenanças mosaicas que haviam sido definitivamente abolidas, e que se não podiam comparar com o novo e vivo caminho do Novo Testamento.

Qual o resultado? Os homens afluíram à Igreja de Roma, olvidando o santuário celestial e seu Ministro. A Igreja Romana obscureceu eficazmente o ministério de Cristo, tanto que poucos cristãos têm a noção da existência de um templo no céu, a não falar no ritual que ali se processa...

«Quase consegui tornar de nenhum efeito o ministério de Cristo.

Inaugurou outro ministério, estabelecido, não nas promessas do Evangelho, nem na base do novo concerto, tão pouco em Cristo como Sumo-Sacerdote, mas sim nas vãs promessas de um sacerdócio terrestre que carece, ele mesmo, do perdão e do poder do sangue expiador de Cristo...

«Existem dois ministérios que prometem aos homens perdão e cancelamento dos pecados: o de Cristo, no céu, e o do papado, na terra. Cada qual tem um sacerdócio e as cerimónias que o acompanham. Cada qual pretende pleno poder de perdoar. O papado jacta-se de possuir as chaves do céu. Pode abrir e fechar. É senhor de um tesouro de méritos sem o qual bem poucos se podem salvar. Está de posse do santo ministério de Deus.

Possue um chefe infalível. Tem poder sobre o purgatório. Pode indultar o castigo. Pode ter autoridade sobre os reis da terra. Não reconhece superior. É supremo.

«Todas essas pretensões cairiam por terra, se tão somente os homens conhecessem o verdadeiro ministério de Cristo.»

Do que estes autores nos dizem, não admira que esta Bíblia monumental, nada diga sobre o significado dos sacrifícios e não diga aos seus leitores porque motivo o Senhor não aceitou a oferta de Caim.

Ela não tinha significado para o efeito, não atingia o objectivo, não significava necessidade de perdão.

S. Paulo diz-nos: I Tim. 2:5: — Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.

Francisco Cordas

«Até aqui nos ajudou o Senhor!»...

O meu coração exulta de alegria, porque, pela graça de Deus, podemos repetir com o profeta: «Até aqui nos ajudou o Senhor!»

Completa-se um ano, bem mensurado, desde que, por determinação de Deus, através do nossos Irmãos Dirigentes, tomámos conta do Departamento da Escola Bíblica-Postal, do Serviço da Telemensagem e da Igreja da Conferência, constituída por determinados grupos dispersos de Irmãos disseminados por bastas dezenas de quilómetros.

Nada mais pretendemos com estas singelas e despretenciosas linhas do que expor como a Mensagem do Terceiro Anjo tem sido difundida através dos Serviços da Escola Bíblica-Postal, da Telemensagem e da evangelização directa nos vários grupos interessados.

O Serviço da Telemensagem

Com o seu horário sempre integralmente cumprido de doze horas diárias, o Serviço da Telemensagem tem continuado a prestar a

melhor assistência espiritual a milhares de almas que, sob os mais variados impulsos — desde a simples curiosidade até ao profundo desespero — têm procurado alguma resposta aos seus apelos.

Graças à dedicada assistência das nossas prezadas Irmãs, encarregadas deste serviço, as chamadas que se seguem, quase ininterruptamente, são, pronta e diligentemente atendidas.

Podemos enumerar uma média diária de oitenta chamadas, cuja maioria é atendida até o final da comunicação.

São inúmeros os pedidos posteriores de informações complementares, de que têm resultado alguns contactos com pessoas que se têm interessado pela Mensagem.

Mensagens simples, incisivas, falando ao coração e despertando o interesse pelas coisas que são do alto — tal tem sido o nosso objectivo, ao prepará-las, com a ajuda de Deus.

A Escola Bíblica-Postal

Intitulou-se, de início, «Escola Rádio-Postal», nome que foi man-



O Pastor Mendes e os seus colaboradores Fraga e Albino

tendo, durante anos seguidos, em contacto com muitos e muitos milhares de alunos, até 1966.

Presentemente, denomina-se «Escola Bíblica-Postal».

Desenvolvendo um trabalho tão discreto, como humilde e silencioso, a Escola Bíblica-Postal tem levado o conhecimento da Mensagem a muitas e inumeráveis almas que, de outro modo, não a teriam, pelo menos, já conhecido e aceite.

Diariamente, se recebem dezenas de cartas dos Alunos com as Provas Escritas, que vão preenchendo. Muitas vezes, trazem perguntas, cuja delicadeza e dificuldade se estendem por toda a gama do conhecimento.

Todas as provas são rapidamente corrigidas e devolvidas aos Alunos; quando há perguntas, seguem também as respectivas respostas, acompanhadas, sempre, de palavras de felicitações e de encorajamento a prosseguir no estudo e meditação da Palavra de Deus.

Damos muitas graças a Deus por termos encontrado bons e dedicados Colaboradores e, seja-me permitido destacar o precioso auxílio que sempre recebemos da Secretária da Escola Bíblica-Postal, Irmã D. Lucelinda Godinho.

A título meramente informativo comunicamos aos nossos prezados Irmãos e Leitores que no 2.º Trimestre deste ano, se inscreveram 165 alunos. No mesmo lapso de

(Continua na pág. 14)

O Pastor Mendes com o grupo de Irmãos de Maiorga



O Acusador dos Irmãos

por R. R. Figuhr

EX-Presidente da Conferência Geral

«O acusador dos irmãos» é um título expressivo dado pelo Senhor ao diabo. Ele está bem informado, porque de noite e de dia acusa os fiéis. Passa o seu tempo a buscar e realçar as fraquezas dos que fervorosamente se esforçam por seguir o seu Senhor. Notai que o diabo não é chamado o acusador dos pecadores. Ele parece deixar esta classe sem lhe tocar, embora pudesse encontrar muito que apontar nela e com muito menos esforço. Mas concentra a sua atenção nos que amam ao Senhor e que apesar das suas fraquezas e dificuldades, ardentemente se esforçam por O seguir.

Nenhuma boa pessoa está isenta dos ataques do ímpio acusador. O bom, paciente e manso Moisés não escapou. Quando o anjo de Deus chegou à sepultura de Moisés para o ressuscitar e o transportar para o Céu, o acusador ali estava aguardando-o com factos comprobativos da vida de Moisés. Não era uma lista inventada de pecados, a que ele apresentou. A lista revelava com exactidão as fraquezas daquele dirigente descuidadamente cometidas. O acusador tinha conservado um registo exacto, e ali junto da sepultura disputou o direito de Moisés a morar com os bem-aventurados.

Segundo factos reais, Moisés não tinha provavelmente direito a ir para o Céu. O seu registo condenava-o. Mas uma maravilhosa transacção tinha-se efectuado entre ele e o seu Senhor. Transacção seme-

lhante é belamente descrita na vida do sumo sacerdote Josué, tal como aparece em Zacarias 3. Ali o acusador aparece de novo contra um homem bom, chamando a atenção para os seus erros e fraquezas.

Satanás foi, porém, informado de que Josué era um tição arrebatado do incêndio e mesmo ali diante do acusador as vestes manchadas e sujas de Josué foram mudadas para vestes imaculadamente brancas. O registo de fraquezas e pecados foi apagado e em seu lugar foi posto a crédito do sumo sacerdote um registo limpo, de obediência e pureza. A Josué disse Deus: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade e te vestirei de vestidos novos.”

O Senhor e Seus anjos não gastam o tempo a condenar pobres pecadores e a apresentar os registos do seu passado; só Satanás e seus auxiliares fazem isso. O Senhor e Seus ministros celestiais estão profundamente interessados em obter que os pecadores arrependidos sejam justificados e se preparem para o Céu.

Enquanto os cristãos estiverem neste Mundo, e prosseguir o seu aperfeiçoamento, não escapam à acusação e à crítica. O ser injustamente criticado e falsamente acusado não é a pior coisa que pode acontecer a uma boa pessoa, isso pode por vezes constituir até uma recomendação; mas aí daquele que se une ao diabo na sua má obra.

Torna-se assim um colaborador do terrível inimigo de Deus, um instrumento para a realização do próprio objectivo do diabo.

Por contraste, quão maravilhosa é a atitude do Senhor para com os Seus seguidores! Ele dá-lhes auxílio, não só através dos anjos celestes mas também através de irmãos na fé. “Quando te converteres”, disse Ele a Pedro, “confirma os teus irmãos.” Pedro converteu-se e iniciou novas forças aos irmãos. Lêde suas epístolas — tão ternas, tão confortadoras, tão encorajantes! Já não fere as pessoas com uma espada como no Jardim. Toda a sua técnica no trato com os que erram se tornou diferente. Notai como ele escreve a alguns que começavam a ceder a solicitações carnavais, tornando-se assim excelentes alvos para a crítica: “Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnavais que combatem contra a alma.” (I Pedro 2:11). Esta ternura, esta consideração pelos que erram, não a conhecia ele anteriormente. Agora, em vez de ridicularizar ou descobrir faltas, ele confortava e animava.

Não é raro chegarem até nós cartas escritas por membros apontando pormenorizadamente certas faltas de membros de igreja. Por qualquer motivo, por vezes, as cartas não estão assinadas, embora as pessoas a quem se referem sejam claramente nomeadas. Talvez todos nós sejamos tentados de quando em quando a escrever tais cartas e a referir-nos a indivíduos que consideramos estarem errando, mas estou certo de que poderemos fazer muito mais e com resultados mais satisfatórios, se empregarmos o método seguido por Pedro após a sua conversão, de falar bondosa e amavelmente aos que erram.

“Vós que sois espirituais, encaminhai o tal (o que erra) com espírito de mansidão.” (Gálatas 6:1).

O Segredo do êxito dos Adventistas

PELO DR. WILLIAM S. WALEN

(Conclusão do número anterior)

O movimento adventista conta hoje seis vezes mais de fiéis do que indicam as estatísticas do Recenseamento Federal de 1906. É inegável que os métodos evangelísticos adventistas fazem conversões e que o programa educativo da denominação reforça a dedicação dos membros à sua Igreja e diminui as apostasias.

Ao passo que os **mormons**, cuja obra de beneficência está muito desenvolvida, se limitam a socorrer outros **mormons** fiéis à denominação, os adventistas não hesitam em auxiliar os necessitados de todas as religiões e até mesmo os incrédulos. Vamos encontrar os adventistas em quase todos os lugares onde se registar qualquer catástrofe de envergadura: furacões, terremotos, inundações ou explosões. Dispõem para isso de veículos especialmente equipados que despacham imediatamente para a cena do desastre. Com frequência se organizam cursos gratuitos de cuidados de urgência dirigidos por membros da igreja e simpatizantes. Além disso, os adventistas também possuem na costa oriental e na costa ocidental dos Estados Unidos, dois grandes depósitos de mercadorias de onde expedem grandes encomendas de víveres e de outros socorros para os territórios sinistrados de além-mar.

Uma sociedade «Dorcas» — isto é, um grupo de beneficência — depende de cada congregação adventista. Os seus membros consagram-se a actividades quase semelhantes às da Conferência de São Vicente de Paula ou às do Exército de Salvação: reúnem-se regularmente para recompor peças de vestuário, pre-

parar medicamentos ou recolher ofertas que se destinam aos pobres.

Embora os Adventistas se recusam a matar, mesmo em tempo de guerra, não têm, contudo, sido colocados entre os que levantam objecções de consciência. A sua organização garante à sua própria custa a formação especializada que permite aos seus jovens servirem o país nos corpos sanitários do exército, a título de não-combatentes. A Medalha de Honra do Congresso por acto de bravura foi outorgada a um destes jovens adventistas como recompensa da sua conduta corajosa em Okinawa, durante a Segunda Guerra Mundial.

Não é de ânimo leve, como se vê, que se toma a decisão de se tornar Adventista do Sétimo-Dia! Efectivamente, todo o convertido tem de consagrar à Igreja a décima parte dos seus lucros: tem de assistir, todas as semanas aos serviços religiosos do Sábado; tem de se abster, no Sábado de todo o trabalho que não é absolutamente indispensável; não pode fumar nem tomar bebidas alcoolizadas; tem de enviar os filhos para os estabelecimentos de educação da igreja; tem de renunciar à dança, aos jogos de cartas, ao cinema, assim como à maquilhagem e ao uso de jóias para as mulheres; tem de romper com qualquer sociedade secreta a que pertença. Tudo isto não impede que os adventistas ofereçam a imagem de um povo feliz, para quem a vida, tem um sentido e que tira uma profunda satisfação da prática da sua religião.

Esta igreja teve a sua origem no século dezanove, época em que a pregação de Guilherme Miller sobre a próxima Vinda de Cristo

causou sensação em certos meios religiosos. Depois de estudos profundos da Sagrada Escritura — e, nomeadamente, dos livros de Daniel e do Apocalipse — Miller, um antigo combatente da guerra de 1812, predizia que o fim do mundo se daria em 1843. Fixou, depois, a data exacta, para 22 de Outubro de 1844. Quando aquele dia fatídico passou sem que o acontecimento se realizasse, a maior parte dos discípulos de Miller abandonaram-no. Teve, porém, um grupo de adventistas de Washington, no Estado de New Hampshire, que lhe ficaram fiéis. Aceitaram a interpretação segundo a qual o 22 de Outubro teria marcado não o fim deste mundo visível, mas a purificação do santuário celeste por Jesus Cristo. Desde então e para sempre, os Adventistas não iriam mais fixar nenhuma data precisa para a Volta de Jesus, mas estão convencidos de que o desenlace da história deste mundo está prestes a relizar-se e que Jesus vai voltar dentro em breve.

A esta doutrina fundamental do Adventismo, a minúscula comunidade religiosa da Nova Inglaterra acrescentou uma outra: a convicção de que os verdadeiros cristãos deviam observar o Sábado do Antigo Testamento de preferência ao Domingo que tinha sido escolhido como dia de repouso por um dos primeiros papas.

Os progressos do Adventismo justificaram o estabelecimento de uma sede central da denominação, que se fixou em Battle-Creek, no Michigan. Em 1903, foi transferida para Takoma Park, um dos bairros de Washington, D. C.

(Continua na pág- 14)

Os diversos aspectos da Lei

A Lei é um dos temas que mais vezes é citado nas Sagradas Escrituras. Este é um assunto deveras importante, porém, nem sempre bem compreendido.

Quando lemos alguns textos, ficamos com a impressão que devemos considerar a Lei como um código provisório; ao ler outros, apodera-se de nós a ideia de que a Lei apresenta um valor permanente. De tal modo assim acontece, que aqueles que desejam provar o carácter passageiro da Lei, não têm dificuldade de maior em encontrarem declarações que parecem justificar o seu ponto de vista, enquanto que os outros, zelosos em afirmar o valor eterno do Decálogo, estão em condições de poderem citar numerosos versículos em apoio das suas convicções.

I — A LEI

Termos traduzidos, pela palavra lei, para a língua portuguesa:

V. Testamento: Tôrah = direcção, instrução.

Dath = regu-
lamento, lei.

N Testamento: Nomos = princípio, lei.

O vocábulo *lei* que encontramos no Velho Testamento é na maior parte das vezes a tradução do termo hebraico *Tôrah*, o qual significa «toda a revelação da vontade de Deus» ou então «qualquer parte» desta mesma Revelação. A Lei apresenta-se como a *divina instrução* dada por Deus aos seus fiéis individualmente ou ao seu povo em geral

Assim temos:

«Porquanto Abraão obedeceu à minha voz, e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos, e as minhas leis».

(Gén. 26:5).

Então disse o Senhor a Moisés: Eis que vos farei chover pão dos céus, e o povo sairá, e colherá cada dia a porção para cada dia, para que eu veja se anda em minha *lei* ou não».

(Êx. 16:4)

No que concerne o Novo Testamento, o termo *lei* é a tradução da palavra grega *Nomos*, a qual designa:

1.º — A Escritura como Revelação da vontade divina.

«Respondeu-lhe a multidão: Nós temos ouvido da *lei*, que o Cristo permanece para sempre: e como dizes tu que convém que o Filho do homem seja levantado? Quem é esse Filho do homem?

(S. João 12:34)

2.º — O sistema religioso judaico no seu conjunto.

«Mas, sendo Gálio procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus concordemente contra Paulo, e o levaram ao tribunal. Dizendo: Este persuade os homens a servir a Deus contra a *lei*».

(Actos 18:12-13)

3.º — Uma das partes do sistema anterior.

«Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a *lei*».

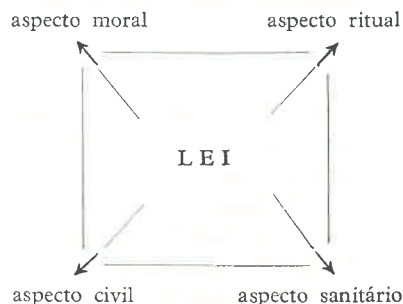
(Romanos 3:31)

II — OS DIFERENTES ASPECTOS DA LEI

1.º — *Aspecto moral*. Denominado Decálogo ou Lei Moral.

(Êx. 20)

Aqui encontramos os princípios que regulam as relações entre o ho-



mem e Deus e os contactos entre o homem e o seu semelhante. São princípios duma moral santa, justa e boa; e necessária, por isso eterna.

A Bíblia faz-lhes alusão proclamando:

«As obras das suas mãos são verdade e juízo; fiéis todos os seus mandamentos. Permanecem firmes para todo o sempre; são feitos em verdade e rectidão».

(Salmo 111:7-8)

2.º — *Aspecto ritual*. Denominado lei cerimonial, ritual ou das ordenanças. (Lev. 6, 7, etc.)

Aqui, estamos em face dum conjunto de preceitos instituídos por Deus, com o fim de instruir o Seu povo que viveu na era pré-cristã, acerca do significado e sacrifício na Cruz do Cordeiro de Deus — Jesus — que viria morrer, para dar a possibilidade de salvação a todos quantos aceitassem o seu sacrifício redentor.

Quando Jesus expirou no Calvário, o véu do templo rasgou-se em dois, pondo à vista de todos o lugar santíssimo, definindo o estado caduco dessa instituição cerimonial.

Este é o ensinamento da Bíblia quando diz:

«Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças,

a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz.

(Coloss. 2:14).

3.^o — *Aspecto civil*. Denominado lei civil ou lei do país. (Êx. 21, Lev. 18, Núm. 27, Deuter. 20, etc.)

Desta feita, são citados princípios que regulamentam as relações entre os indivíduos, na sua condição de cidadãos. Israel, como nação organizada, tinha a sua forma de governo assim como as respectivas leis. Entre tantas, lembremo-nos das leis relativas à propriedade, ao casamento, ao divórcio, à escravidão, às heranças, etc.

Fácilmente compreendemos que, estas leis tinham relação directa, com os israelitas na sua qualidade de cidadãos de Israel e que nada têm que ver com os cristãos, devendo estarem sujeitos às leis dos países da sua nacionalidade.

Eis a advertência bíblica:

«... toda a alma esteja sujeita às potestades superiores. Os magistrados não são terror para as boas obras mas para as más».

(Rom. 13:1-7)

4.^o — *Aspecto sanitário*. Denominado leis de higiene e saúde. (Lev. 11, 12, 13, 14, 22, etc.)

Este aspecto, rigorosamente, não constituiu uma Lei, mas, pressupõe a existência dum conjunto de preceitos relativos a determinadas regras de saúde que, obedecidas, levam o vigor físico aos seus zelosos seguidores.

Nós, cristãos, podemos extrair grandes benefícios das leis de saúde e higiene dadas aos Israelitas. Organicamente o corpo dum israelita — quer dos tempos antigos, quer dos de hoje — e o corpo de qualquer outro indivíduo, são de feição idêntica e sujeitos às mesmas leis básicas. Daqui, todo o nosso interesse em aproveitar para o nosso próprio bem, os preceitos de saúde inscritos na Bíblia. E, não somente para o nosso bem-estar, como para a glória de Deus.

Assim lemos na Bíblia:

«... o nosso corpo é o templo do Espírito Santo... glorificai pois a Deus no vosso corpo».

(I Cor. 6:19-20).

III — DEFINIÇÃO DOS CONTRASTES ENTRE O ASPECTO MORAL E RITUAL DA LEI

Os maiores obstáculos para uma legítima compreensão do assunto da Lei, provém da dificuldade em interpretar correctamente certas passagens que se referem, umas à lei moral, outras à lei ritual, já que, as leis civis e de saúde mais facilmente se distinguem. Um contraste enorme e perfeitamente acessível à nossa compreensão, nos aparece para a definição deste ponto.

Assim vemos:

A lei moral foi escrita por Deus. (Êx. 31:18.) A lei ritual foi escrita por Moisés. (Deut. 31:24.)

A lei moral foi pronunciada por Deus. (Deut. 4:12, 13). A ritual foi pronunciada por Moisés. (Deut. 5:27.)

A denominada lei moral foi colocada dentro da arca. (Deut. 10:5). Porém, a lei cerimonial ou ritual, foi deposta ao lado da arca. (Deut. 31:26.)

A lei moral é considerada uma lei de liberdade. (S. Tiago 2:11, 12). A chamada lei cerimonial é uma lei de servidão. (Gálatas 5:1-3.)

A lei moral contém deveres para todos os homens. (Ecl. 112:13). A lei cerimonial, apresenta um conteúdo de diversas cerimónias. (Hebreus 9:19.)

Chegado o Messias, Ele não destruiu a lei moral. (Mat. 5:18.) Mas, a lei das cerimónias foi abolida pela morte de Cristo. (Efés. 2:15.)

O menor no reino dos céus é todo aquele que ousar violar a lei moral, e por preceitos errados a ensinar aos homens. (Mat. 5:19.) Mas, ninguém deve ser julgado pela lei cerimonial. (Col. 2:16, 17.)

A fé em Cristo Jesus estabelece a lei moral. (Rom. 3:31.) Essa mesma fé em Cristo acaba por abolir a lei cerimonial. (Efés. 2:15.)

Acerca da lei moral, conhecida também pelo Decálogo ou lei dos 10 Mandamentos, JESUS declara:

«E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei.»

(S. Lucas 16:17).

Citamos um pensamento do pastor P. Nouan: — «Deus agiu como um Chefe de Estado que desejando mostrar a importância particular duma lei que ele acaba de promulgar, toma a decisão de a ler, ele mesmo, na televisão, de redigi-la pela sua própria mão e de depôr o documento original num edifício simbolizando a sua autoridade, deixando aos seus ministros a tarefa de publicar e redigir o restante da legislação.»

Citado em: O Cristão e a Lei de Deus, p. 4.

Afirma o Dr. Billy Graham, conhecido prêgador evangélico:

«A palavra *lei* é usada no Novo Testamento em dois sentidos diversos. Algumas vezes refere-se à lei cerimonial do Velho Testamento, a qual diz respeito a assuntos de ritos e regulamentos concernentes a comidas e bebidas e coisas dessa espécie. Desta lei, os cristãos estão livres, absolutamente. Mas o Novo Testamento fala também da lei moral, a qual é dum carácter permanente e não se pode mudar e encontra-se resumida nos 10 Mandamentos.»

Citado em: *Questions on doctrine*, p. 127.

IV — CONCLUSÃO

Quando encontramos na Sagrada Escritura a palavra *Lei*, a primeira coisa que devemos fazer, é perguntar para nós mesmos:

— De que Lei está aqui falando? A que Lei se refere este texto?

Não procedendo assim, podemos cometer sérios erros de compreensão.

A Bíblia é a inspirada Palavra de Deus. Ela não pode de modo algum contradizer-se. São os homens, e não a Bíblia, que se contradizem.

Toda a Escritura se harmoniza numa linha de perfeita compreensão quando procuramos encontrar com humildade e oração, a verdade divina.

Possamos todos, como crentes adventistas, amar a Lei de Deus e proclamá-la àqueles que não têm, como nós, a dita de a conhecer.

CREIO EM DEUS

— Aos que não crêm em Deus —

NÃO crer em Deus é hoje voz corrente na população, que afirma crer apenas naquilo que vê, naquilo que é material. Não crer em Deus, é o escudo contra os compromissos espirituais e a fraqueza duma mente sub-desenvolvida, é sintoma de auto-suficiência e sinal de morte eterna. Mas se muitos tropeçam nessa aberração, não será difícil dizer como Napoleão dizia certa noite aos seus oficiais: «Levantai as vossas cabeças ao alto. Quem fez tudo isto?» «Levantai ao alto os vossos olhos, e vêde quem criou estas coisas» Isaias 40:26 deve ser o desejo de todo o homem inteligente e observador para poder abrir os olhos numa real observação do infinito. Crer em Deus não é somente acreditar n'Ele, mas amá-Lo, senti-Lo e obedecer-Lhe.

Poderá o homem estudar o céu e não sentir-se atraído para Deus?

Poderá um astrónomo verdadeiro ser ateu?

Poderá perscrutar a grandiosidade do céu, poderá ainda comprovar a precisão matemática da mecânica celestial, elevar a imaginação às distâncias incompreensíveis e nela não achar a cintilação da suprema sabedoria. Disse alguém: «Deus não é para se compreender. É para se amar». Não O compreendemos porque os Seus pensamentos não são os nossos pensamentos nem os Seus caminhos os nossos caminhos. E porque não O podemos compreender vamos rapidamente fazer uma viagem pela imensa abóbada que está por sobre as nossas cabeças, para aprendermos a crer n'Ele. Vamos sair num veículo bastante veloz, com a velocidade maior que conhecemos. Vamo-nos instalar num raio de luz e viajaremos pois à velocidade de 300.000 quilómetros por segundo. Vamos percorrer os jardins de Deus e admirar Seus caminhos e Suas formosas flôres. (Talvez esta ideia nos pareça irrisória,

mas chegará o dia em que os salvos farão em verdade esta viagem e a velocidade superior sem dúvida). Vamos primeiramente conhecer o

por Orlando Costa

nosso Planeta e assim daremos uma volta pelos polos e depois uma volta inteira pelo Equador. Levamos nesta viagem um quarto de segundo para perfazer 80 000 quilómetros. Não fiquemos por aqui, e vamos na direcção da Lua para lá chegarmos dentro de um segundo e um quarto. Notemos as suas crateras tão largas com bocarras de 500 a 600 quilómetros. Vamos falar, gritar, mas ninguém nos ouve. Não há atmosfera. Como não nos podemos aí deter vamos até ao Sol numa viagem de 8 minutos, e no caminho encontramos Vénus e Mercúrio. «O Senhor me proporcionou uma vista de outros mundos. Foram-me dadas asas, e um anjo me acompanhou da cidade a um lugar fulgurante e glorioso. A relva era dum verde vivo, e os pássaros gorgearam ali cânticos suaves. Os habitantes do lugar eram de todas as estaturas; nobres, majestosos e formosos. Ostentavam a expressa imagem de Jesus, e seu semblante irradiava santa alegria, que era uma expressão da liberdade e felicidade do lugar. Perguntei a um deles porque eram mais formosos que os da Terra. A resposta foi: — Vivemos em estrita obediência aos Mandamentos de Deus, e não caímos em desobediência, como os habitantes da Terra. Vi então duas árvores. Uma se assemelhava muito à árvore da vida, existente na cidade. O fruto de ambas tinha belo aspecto, mas o de uma delas não era permitido comer. Tinham a faculdade de comer de ambas, mas era-lhes vedado comer de uma. Então meu anjo assistente me disse: —

Ninguém aqui provou da árvore proibida; se, porém comessem, cairiam. Então fui levado a um mundo que tinha sete luas. Vi ali o bom e velho Enoque que tinha sido trasladado. Em sua destra tinha uma palma resplendente, e em cada folha estava escrito: «Vitória». Pendia-lhe da cabeça uma grinalda branca, deslumbrante, com folhas, e no meio de cada folha estava escrito: «Pureza» e em redor da grinalda havia pedras de várias cores que resplandeciam mais do que as estrelas, e lançavam um reflexo sobre as letras, aumentando-lhes o volume». (Vida e Ensinos págs. 96-98).

Se até aqui não tivemos tempo quase para respirar, tomemos agora uma forte inspiração porque a viagem será maior apesar de nos encaminharmos para a estrela mais próxima do Sol, que se acha perto de Centauro. Como viajamos a 300 000 quilómetros por segundo levamos nesta bela viagem 3 anos e 10 meses. Será que estamos perto do limite da Via Láctea? Não, nem perto sequer! Vamos agora visitar quase a maior estrela, Antares da constelação do Escorpião. Vamos gastar 300 anos para aí chegar. Esta estrela é tão grande que dentro dela poderiam girar livremente o Sol, os planetas com suas órbitas correspondentes. Estamos cansados, mas vamos ainda a Orion. Lancemo-nos nessa corrida de 500 anos para a constelação do Orion. Lembrem-se que estamos viajando a 9500 biliões de quilómetros por ano.

Esta estrela tem para nós grande interesse pois que nela aparecerá o sinal do Filho do Homem na Sua segunda vinda e por um vácuo nela baixará o glorioso trono do Nosso Redentor. «Nuvens densas e negras subiam e chocavam-se entre si. A atmosfera abriu-se e recuou; pudemos então olhar através do espaço aberto em Orion, donde vinha a voz de Deus. A santa cidade descera por aquele espaço aberto» (Vida e Ensinos pág. 110).

Não queremos mais continuar dentro da nossa galáxia, e vamos visitar outras vias lácteas e mais constelações, como por exemplo a Nuvem de Magalhães que se observa até quase ao extremo sul. Imprimindo a mesma velocidade levaremos entre 5000 a 70 000 anos para

(Continua na pág. 14)

Memória sobre os nomes

Geográficos da Bíblia,

relacionados com África

GRAÇAS à arqueologia, tem sido possível firmar mais, a fé que muitos possuíam nas Sagradas Escrituras. Os homens através dos séculos, têm duvidado da precisão dos termos bíblicos, seja no que diz respeito à história, à geografia e até outras ciências.

A pá e a enxada têm colaborado neste trabalho, pois têm posto a descoberto elementos preciosos e não é sem razão que um dos livros que fala sobre arqueologia bíblica tenha por título a pá confirma o livro (*The Spade confirms the Book*).

Pretendemos, simplesmente reunir alguns elementos que possam ajudar a uma compreensão melhor, de como o povo bíblico estava em relação por terra e por mar com a África e outros continentes, e como grandes empórios comerciais existiam nas grandes cidades marítimas do Mar Vermelho, da Arábia, e da África. Quando os portugueses, passado o Cabo das Tormentas, se encontraram no século XV, do lado de cá da África, encontraram a partir de Sofala, um movimento comercial de grande envergadura, praticado nessa altura pelos Árabes, como sucessores de outros povos da antiguidade.

*
* *

Vejamos em primeiro lugar, o caminho mais curto entre a Palestina e a África (Egipto), o que era uma estrada que passava o actual Suez:

«Esta grande rota (denominada «caminho da terra dos filisteus» em Êxodo 13:17) que seguiam as caravanas e as colunas militares, corre paralela à costa do Mediterrâneo e era a mais curta e a melhor, mas simultaneamente a mais vigiada de todas. Um verdadeiro exército de soldados e funcionários a fiscalizavam apertadamente desde os fortes

fronteiriços». Pág. 115 de A Bíblia tinha Razão.

Em *The Geography of the Bible* by Denis Baloy, pág. 112, diz também: «Era a grande estrada tronco que foi percorrida pelos exércitos do Egipto, Assíria e Babilónia nas suas constantes guerras, e que pode ser rigorosamente descrita como

Prof. Joaquim Alegria Morgado

uma das primeiras estradas do mundo. Esta estrada é chamada o caminho do mar em Isaías 9:1».

Esta estrada ligava com o primeiro território africano com que os Israelitas estiveram em contacto e que foi o Egipto. Em Gén. 10:6, na distribuição da terra pelos descendentes de Noé, fala de Mizraim, um dos filhos de Cão, e que é identificado como o termo hebreu para designar os Egípcios.

O povo de Israel esteve em contacto com este país várias vezes ao longo da sua acidentada história, e desejamos destacar:

1. Abraão procura refúgio no Egipto durante a fome na Palestina no século 19, A. C. O faraó com quem Abraão falou e que o tratou com respeito e consideração deve situar-se na 12 dinastia. (Gen. 12:10-20). Um quadro num túmulo egípcio, relata a vista duma família semita, com os seus animais, os seus trajes característicos, precisamente na época em que se teria dado a visita de Abraão.
2. José é vendido como escravo para o Egipto, pelos seus Irmãos, cerca do século 17, A. C. enquanto os Hiksos estavam no poder. Chegando a Governador a sua família, mais tarde refugia-se no Egipto por causa da fome e

fica instalada na área de Gosen. (Génese 39:1 a 47:28).

3. Os descendentes de Jacob, pai de José, multiplicam-se de tal maneira que, saídos os Hiksos do poder são considerados uma ameaça para o povo e postos a ferros como escravos na confecção de tijolos para as construções da Pitom e Ramessés. Deus suscita Moisés para ser o libertador, (Êxodo 1:8 - 12; 3:10 - 13, etc.). Um dos muitos quadros encontrados em túmulos representam alguns capatazes de cor escura (Egípcios) vigiando os trabalhadores de cor mais clara (Hebreus) no trabalho de fazer tijolos.
4. Salomão, casa com uma princesa egípcia provavelmente a filha dum dos últimos reis da 21 dinastia (I Reis 3:1). Um dos seus oficiais Jeroboão rebelou-se contra ele e buscou asilo no Egipto na corte de Sisaque, Crón. 11:40. Este faraó invade o país de Canaan logo após a morte de Salomão e conquista Jerusalém (I Reis 14:25, 26; 2 Crónicas 12:2-5).
5. Ezequias desafia os assírios esperando a protecção do rei etíope do Egipto (2 Reis 18:19-21).
6. O Rei Josias provavelmente de acordo com os de Babilónia, procura cortar a marcha do faraó Necao para o Norte, e na batalha de Megido perde a vida (2 Reis 23:29, 30; 2 Crónicas 35:20, 24). Seu filho Joacaz foi deposto por Necao depois dum curto reinado de 3 anos e levado para o Egipto como prisioneiro (2 Reis 23:31-33; 2 Crónicas 36:1-31). Joaquim foi feito vassalo do rei do Egipto e assim

(Continua na pág. 24)

O Segredo do êxito dos Adventistas

(Continuação da pág. 9)

Durante perto de setenta anos, uma mulher — a senhora Helen G. White — que os adventistas consideram como uma profetisa, exerceu uma influência predominante no seio do movimento. É ela autora de 53 livros e de mais de 4 500 artigos, dos quais um grande número baseados em visões.

O papel de profetisa desempenhado pela senhora White desagrada aos protestantes de tendência fundamentalista, que, de resto, têm bastantes pontos de contacto com os adventistas, nomeadamente, no que diz respeito à interpretação literal da Bíblia e a rejeição obstinada da teoria da Evolução.

Numerosos aspectos do Adventismo desagradam a católicos e a protestantes, mas temos podido constatar que, em certos domínios — como por exemplo nos da educação, no apoio financeiro da Igreja, na observância do Sábado, na vocação missionária, na reforma sani-

tária e na obra de beneficência — vários elementos tirados desta confissão e convenientemente adaptados poderiam enriquecer as nossas vidas de católicos.

Agora que nos empenhamos, mais que nunca, numa era de ecumenismo, renunciando às posições de-

fensivas da Contra-Reforma, podemos descobrir preciosos exemplos de vida e de conduta nos nossos irmãos separados. Tenhamos, pois, o conhecimento esclarecido para fazer a distinção que se impõe entre opiniões teológicas inaceitáveis e práticas e costumes que a Igreja teria vantagem em adoptar.

«The Ministry, Abril de 1966»

CREIO EM DEUS

(Continuação da pág. 12)

sair dela, conforme o rumo que escolhermos. Job no seu capítulo 38 verso 11 fala das Pleiades, as sete cabritas. A nova galáxia compreende agora uns 43 milhões de estrelas e vamos avançar mais porquanto há milhares de galáxias ou universos que visitar e pelo menos queremos chegar a umas daquelas mais distantes que nos revelam os nossos telescópios: levaremos somente para chegar... uns 250 a 300 milhões de anos. Já não suportamos mais; talvez estejamos só no começo do

espaço, mas teremos que voltar, nossa imaginação não nos eleva mais, e se rebela a seguir-nos.

Após o regresso começamos apenas a vislumbrar aquilo que Deus queria dizer a Job no relato do capítulo 26:14 «Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos». A Jeremias Deus declarou: «Não se pode contar o exército do céu» 33:22. Deus no entanto o tem contado Salmo 147:4,5. Será tudo isto, obra do acaso? O Doutor Girou disse: Se isto é o acaso, então o acaso é Deus.

«Até aqui nos ajudou o Senhor!»...

(Continuação da pág. 7)

tempo, foram corrigidas 1339 Provas Escritas; enviaram-se 27 Diplomas de conclusão do Curso e tivemos, ainda, o privilégio de efectuar dois baptismos de Alunos.

Seguem, presentemente, a Escola Sabatina, no Departamento do Lar, 72 alunos da Escola Bíblica-Postal.

Que Deus continue a abençoar os trabalhos da Escola Bíblica-Postal.

A Igreja da Conferência

Também temos tido a nosso cargo a evangelização e assistência espiritual da denominada «Igreja da Conferência» e que é constituída pelos grupos de Irmãos, de Interessados e de Visitas de Peniche, Cadaval, Rio Maior, S. João da

Ribeira, Maiorga de Alcobaça, Pero Negro e Enxara do Bispo.

Visitámos estes grupos, nos Sábados e nos Domingos, de acordo com um ciclo pré-estabelecido, que tem sido sempre respeitado. Temos podido contar com o entusiasmo dos nossos Irmãos daquelas localidades que, sempre prontos para trabalhar para a Causa do Mestre, não se têm poupado a canseiras, nem sacrifícios.

Por isso, nos foi possível, em primeiro lugar com o auxílio do Senhor e, em segundo lugar com a boa e entusiástica colaboração dos Irmãos, levar 17 preciosas almas a entregarem-se a Jesus, mediante o Baptismo.

Agora, que vou deixar este trabalho, de harmonia com a vontade de Deus, expressa pelas decisões

dos nossos Irmãos Dirigentes, aqui deixo consignado, nestas poucas linhas, todo o meu apreço pela dedicação daqueles nossos Irmãos da Igreja da Conferência, assim como a minha amizade, com o pedido de me terem presente nas suas orações, porquanto lhes prometo igualmente as minhas pobres orações.

Prezados Irmãos, Interessados e Visitas de Peniche, Cadaval, Rio Maior, S. João da Ribeira, Maiorga de Alcobaça, Pero Negro e Enxara do Bispo! — convosco ficam as minhas melhores lembranças e agradecimentos pela colaboração que sempre me destes, nos nossos trabalhos evangélicos.

Vosso no Senhor Jesus:
F. G. Mendes

Memória sobre os nomes Geográficos

(Continuação da pág. 13)

continuou até que Nabucodonosor acabou com a preponderância egípcia na Palestina. (2 Reis 23:34, 35; 2 Crônicas 36:4-6. Alguns judeus que escaparam da destruição de Jerusalém pelos babilônios refugiaram-se no Egito (Jeremias 37:42-44) e foram a semente duma comunidade judaica, dos tempos modernos.

7. José, por indicação divina foge com Maria e o menino para o Egito, para escapar à ordem de Herodes de matar os meninos. Ali ficaram até à morte de Herodes. (Mateus 2:13-15).

Habitação de Israel no Egito — Ao lermos Gênesis 46:34, vemos como José preparou a sua família, para quando falassem a faraó, o in-

fluenciassem de tal maneira que lhes fosse indicado ir habitar na terra de Gosen, também chamada de Ramesés (Gén. 47:11) e onde existiam as cidades de Pitom (Êxodo 1:11) e Ramessés (Êxodo 1:11).

Gosen: «Rica terra de Gosen, com as suas fartas pastagens, começava poucos quilómetros ao sul da nova capital e chegava até Pitom. (A Bíblia tinha razão, p. 107).

(Continua)

«...VIREI OUTRA VEZ!...»

(Continuação da pág. 1)

a intervenção divina, e veriam «vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória».

Evidentemente que Jesus sabia que os seus primeiros discípulos — aqueles que ali estavam sentados, à sua volta, no monte das Oliveiras, naquela aprazível tarde de há dezanove anos atrás, não viveriam até àquele dia.

Por isso, quando lhes disse: «Quando virdes acontecer estas coisas», não se referia a eles em particular, mas si aos discípulos, precisamente a nós, que viveríamos nos dias finais da História. Com o seu olhar divino que sonda os corações e perscruta o futuro, Jesus percorreu as idades e os séculos até chegar a esta nossa vasta crise mundial. Pensando em nós em todos aqueles que

O amariam e cumpririam os seus Mandamentos, dirigiu-nos as palavras: «Quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o reino de Deus está próximo». (S. Lucas 21:31).

Sabemos que O Senhor Jesus vai voltar, dentro em breve. Não sabemos, porém, nem o dia nem a hora, porque Ele assim o determinou. Revelou-nos, porém, os sinais que precederiam, imediatamente, a sua gloriosa Vinda.

São esses sinais que hoje se desenrolam, claramente, diante de nós, diante de toda a humanidade.

Prouvera a Deus que todos os homens os quisessem receber como anunciadores da Volta do nosso bendito Salvador.

